



# REBEL ANGELS

*Libba Bray*

A COMPANION TO THE NEW YORK TIMES BESTSELLER A GREAT AND TERRIBLE BEAUTY

Traduções e  
Digitalizações



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e- book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **POR FAVOR QUE NÃO HOSPEDE O LIVRO EM NENHUM OUTRO LUGAR**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – [tradu.digital@gmail.com](mailto:tradu.digital@gmail.com)

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

#### Comunidade Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - [http://twitter.com/tradu\\_digital](http://twitter.com/tradu_digital)

Skoob - <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>

*Feito por:*  
*Carol~Dady~Hannah~Iara~*  
*Josy~Letícia~Marimoon*  
*Revisado por:*  
*Carol~Josy*



Tudo o que vemos ou parecemos  
Não passa de um sonho dentro de um sonho.

EDGAR ALLAN POE

### SINOPSE

Tinha passado algum tempo desde que Gemma esteve pela última vez nos reinos. No entanto, uma visita inesperada a levará de volta ao mundo mágico: Kartik, membro dos Rakshana, pediu que ela voltasse e prendesse a magia que ficou livre da última vez, antes que esta caía nas mãos erradas.



## PRÓLOGO

21 de Junho de 1895

Vou ser fiel à verdade. Vou me limitar ao que aconteceu nos últimos sessenta dias e a visita que eu, Kartik, o irmão de Amar e membro leal dos Rakshana, recebi naquela fria noite na Inglaterra. Mas para começar, devo voltar a meados de outubro, antes que a desgraça acontecesse. Começava a fazer frio. Eu estava nos bosques que fica atrás da Academia Spence para senhoritas. Através de um falcão, eu recebi uma carta dos Rakshana. Eles requeriam minha presença de imediato em Londres. Eu devia evitar as estradas principais e me assegurar de que não me seguissem. Viajei muitas milhas escondido em uma caravana de ciganos. O resto do caminho eu fiz a pé, sozinho, protegido pelas árvores ou pela escuridão da noite.

Na segunda noite, exausto de cansaço, meio morto de frio e de fome. Fazia dois dias que tinha acabado a pouca comida que eu tinha, senti em minha mente os efeitos do isolamento. Nos bosques aconteciam coisas estranhas. Sentia-me muito fraco, nesse estado, cada caverna se transformava em uma armadilha, cada rangido dos galhos se transformava, na minha cabeça, em uma ameaça de uma alma inquieta de algum bárbaro morto séculos atrás.

Na luz do fogo, eu lia alguns trechos de meu único livro, uma cópia da Odisséia, esperando conseguir um pouco da coragem de seu herói. Mais, uma vez que eu não me sentia nem mais corajoso, nem mais seguro, caí em um sono profundo.

Não foi um sonho tranquilo. Sonhei que a grama estava negra, como se estivesse queimada. Eu estava em um lugar de pedras e cinzas. A silhueta de uma árvore solitária aparecia contra uma lua sangrenta, e se ouvia um rugido distante, um imenso exército de seres estranhos que clamavam pela guerra. Por cima de tudo, ouvia meu irmão, Amar, sussurrando um aviso. *“Não falhe, irmão, não confie...”* Mas neste momento o sonho mudou. Ela estava ali, agachado na minha frente e seu tom de vermelho formava uma aura incandescente contra o céu resplandecente.

*“O seu destino é estar junto de mim”*. Sussurrou enquanto se aproximava. Seus lábios quase me acariciavam. Eu podia sentir seu morno calor. Acordei subitamente. Não havia nada, nada exceto o cinza e os sons noturnos de pequenos animais que iam se refugiar em suas tocas. Quando cheguei à Londres, estava faminto e não sabia qual seria o próximo passo. Os Rakshana não havia me dado instruções sobre como e onde encontrá-los: esse era a forma como agiam. Normalmente, eram eles que me encontravam. Enquanto descansava entre a multidão do Covent Garden, o cheiro de bolo, quente e saboroso me fez tremer de fome. Estava a ponto de me arriscar a roubar um pedaço quando eu o vi. Um homem apoiado na parede, fumando um charuto. Não era um homem especial: de estatura mediana e forte, vestindo um terno preto e chapéu, e um jornal dobrado cuidadosamente na sua mão esquerda. Tinha um bigode bem cortado e uma cicatriz na bochecha em forma de sorriso. Esperei que ele olhasse para o outro lado para que eu pudesse roubar uma fatia de bolo. Fingi estar interessado em alguns artistas na rua. Um fazia malabarismos com facas e o outro pedia dinheiro ao público. Um terceiro se movia silenciosamente entre o público roubando quantas carteiras podia.

Era o momento de atacar. Com as mãos nos bolsos me aproximei da loja. Quase tinha um pedaço de bolo nas mãos, quando o homem da parede se aproximou.

– A Estrela do Leste não é fácil de alcançar.

Disse em voz baixa e com tom irônico.

Foi então que percebi o broche em sua lapela. O broche com o brasão de uma espada é o símbolo dos Rakshana. Respondi nervosamente e surpreso.

– Mas brilha forte para aqueles que a buscam.

Encaixamos nossas mãos, tomando com a mão esquerda o punho do outro, exatamente como a saudação dos Rakshana.



– Bem-vindo aspirante. Estávamos esperando você. – Inclinou-se para sussurrar algo. – Você tem que nos contar muitas coisas.

Não me lembro o que aconteceu depois. A última coisa que vi foi como a mulher responsável pela loja de bolos recebia algumas moedas. Senti uma dor intensa na nuca e tudo ficou preto. Quando recuperei a consciência, me encontrava em uma casa escura, iluminada por umas poucas velas ao meu redor. Meus guardiões haviam desaparecido. Minha cabeça doía terrivelmente e agora, acordado, morria de medo ao pensar o que me esperava naquela sala. Onde eu estava? Quem era aquele homem? Se for um membro dos Rakshana, porque havia golpeado a minha cabeça? Estava alerta para qualquer pequeno ruído, qualquer voz... Buscava alguma pista que me ajudasse a entender minha situação.

– Kartik, irmão de Amar, membro da irmandade dos Rakshana...

A voz, profunda e poderosa, vinha de cima. Só conseguia ver as velas. Atrás das velas, a escuridão.

– Kartik. – repetiu a voz, esperando uma resposta.

– Sim. – eu disse finalmente, com voz trêmula.

– Que comece o julgamento.

A casa começou a tomar forma. Há uns três metros, o círculo de velas. Atrás, podia reconhecer as roupas dos Rakshana. Não eram os irmãos que haviam me ensinado tudo que eu sabia, e sim os poderosos homens que se mantinham nas sombras. Se todo aquele tribunal havia se reunido por mim, devia ser porque eu havia feito alguma coisa muito boa, ou muito ruim.

– Estamos decepcionados. – Continuou a voz. – Esperávamos que você estivesse vigiando a garota.

Muito ruim. Encolhi-me de medo. Não sentia medo ante a perspectiva de ser castigado ou repreendido, e sim medo de ter decepcionado eles, meus irmãos. Agora teria que enfrentar seu castigo, sua lendária sede de justiça.

Respirei fundo.

– Sim, irmão, eu a vigiava, mais...

A voz respondeu cortante.

– Você tinha que vigiá-la e nos explicar o que acontecia. Isso era tudo. Essa missão era tão difícil assim, aspirante?

Não conseguia falar por causa do medo que sentia.

– Porque você não nos contou que ela tinha entrado nos reinos?

– Pensei que eu tinha a situação sob controle...

– E tinha?

– Não.

Minha resposta ficou pendente no ar como a fumaça das velas.

– Claro que não. E agora os reinos foram alcançados. O impensável aconteceu.

Esfreguei as palmas das mãos nos joelhos, mas isso também não ajudou. O sabor frio e metálico do medo enchia minha boca. Havia poucas coisas que eu não sabia a respeito da Irmandade a qual eu mesmo pertencia, e a qual eu havia oferecido minha lealdade e minha vida. Amar havia me contado histórias dos Rakshana, de seu código de honra. Sua missão como protetores dos reinos.

– Se tivesse nos procurado, teríamos evitado esse horrível final.

– Com todo o respeito, ela não é como pensávamos. – Fiquei calado por um momento pensando na garota que havia deixado para trás, de grande beleza e brilhantes olhos verdes. – Acredito que ela entendeu.

A voz trovejou.

– Essa garota é mais perigosa do que você pensa. É uma ameaça maior do que você pode suspeitar garoto. Pode chegar a destruir todos nós. E agora, entre os dois, o poder está vulnerável.

O caos reina.

– Mas ela venceu o assassino de Circe.



– Circe tem mais de um espírito escuro a suas ordens. – Continuou a voz. – Essa garota penetrou nas runas que ocultavam e protegiam a magia durante gerações. Entende o que isso significa? A magia agora está solta, entre os reinos, e qualquer um que deseje pode utilizá-la. Na verdade, já está sendo utilizada para corromper espíritos. Ela virá até as Terras Invernais e ficará mais forte. Quanto tempo vai levar até que as fronteiras desse mundo estejam abertas? Será antes de encontrarmos um caminho até Circe ou de ela encontrar um caminho até nós? Antes que consiga todo o poder?

Sentia o frio correr pelas minhas veias.  
– Bem. Você entenderá o que fez. O que ajudou a ela fazer. Ajoelhe-se... De algum lugar surgiram duas cabaças que me obrigaram a ajoelhar. Rodearam-me o pescoço com ferro frio e os fixaram no chão. Era isso. Eu havia falhado, havia envergonhado aos Rakshana e sua memória, e pagaria com a morte por isso.

– Você se curva ante a vontade dos Rakshana?

Minha voz, estrangulada pelos ferros, soou dramática.

– Sim.

– Diga.

– Me curvo ante a vontade dos Rakshana.

Os fios se afrouxaram. Fui libertado.

Quando percebi que tinham salvado minha vida, quase comecei a chorar. Viveria, e poderia provar minha fidelidade aos Rakshana.

– Ainda há esperança. Alguma vez a garota falou com você a respeito do Templo?

– Não, irmão. Nunca ouvi falar de um lugar assim.

– Antes que as runas fossem construídas para proteger a magia, a Ordem usava o Templo. Se suspeitava que era a fonte de energia e poder dos reinos. É o lugar onde a magia pode ser controlada. De alguma maneira, o Templo governa os reinos. Ela deve encontrá-lo.

– Onde está?

Produziu-se uma pausa.

– Em algum lugar dentro dos reinos. Não sabemos. A Ordem guarda este segredo com grande cuidado.

– Mas... Como?

– Ela deve usar seus poderes. Se realmente é um membro da Ordem, o Templo a atrairá de alguma forma. Mais deve ter cuidado: ela não é a única que o procura. A magia é imprevisível. Não podemos confiar em nada que há do outro lado. Isto é o mais importante. Uma vez que encontre o Templo, deve dizer estas palavras: “Apelo à magia em nome da Estrela do Leste”.

– Os Rakshana conseguiram alcançar o Templo assim?

– Nos entregará uma parte. Por que somente a Ordem deve possuí-lo? Eles fazem parte do passado.

– Porque não pedimos para ela nos levar?

Fez-se silêncio de novo e temi que os ferros caíssem de novo sobre meu pescoço.

– Nenhum membro dos Rakshana deve entrar nos reinos. É o castigo das bruxas.

Castigo? Por quê? Eu tinha ouvido Amar dizer que éramos os guardiões da Ordem, uma forma de equilibrar seu poder. Era uma aliança incômoda, mas era uma aliança. Mais essa conversa me deixava confuso. Eu tinha medo de falar demais, mas devia fazê-lo.

– Não acredito que ela queira trabalhar para nós.

– Não diga qual o seu objetivo. Ganhe a confiança dela. – Fez-se uma pausa. - A seduza se for necessário.

Lembrei da garota forte, poderosa e amável que havia deixado para trás e respondi:

– Não será fácil.

– Todas as garotas podem ser seduzidas. Você apenas tem que encontrar a maneira certa. Seu irmão, Amar, foi muito hábil ao trazer a mãe dela para o nosso lado.



Meu irmão como um condenado. Meu irmão entoando um lamento de guerra. Não, não era momento de recordar meus pesadelos. Se os conhecessem, iriam me considerar um louco ou um covarde.

– Ganha a confiança dela. Encontre o Templo. Evite que estabeleçam alianças. O resto é por nossa conta.

– Mas...

– Vá, irmão Kartik. – disse então, utilizando o nome que um dia seria realmente meu, como membro da irmandade. – Estaremos vigiando você.

Meus raptos tornaram a desaparecer na escuridão. Fiquei em pé.

– Esperem! – Gritei. – Quando encontrarmos o Templo e o poder for nosso, o que faremos com ela?

A casa desapareceu em um silêncio absoluto. Era possível ouvir como as velas se consumiam. Finalmente, a voz soou como um eco distante.

– Você terá que matá-la.



## UM

Dezembro de 1985, Academia Spence.

Ah, o Natal! A simples menção desse nome, Natal, me traz belas recordações. Suponho que, para a grande maioria, as recordações mais doces e agradáveis: uma árvore imensa no salão, decorado com guirlandas brilhantes e bolas coloridas; a excitação de receber os presentes e abri-los; o calor da chaminé e os copos cheios de vinho e de desejos bons; as crianças cantando músicas natalinas no porto com seus chapéus cobertos de neve; e um peru macio e suculento em uma grande bandeja enfeitada com maçãs. E claro, de sobremesa, o delicioso pudim de figo.

Que recordações! Eu gostaria tanto que já fosse Natal...

No entanto, essas imagens estão muito distantes, a quilômetros de onde estou agora mesmo sentada. Aqui, na Academia Spence para senhoritas, obrigada a construir um boneco com papel alumínio e pedaços de barbante... Nada menos que um tamborileiro<sup>1</sup>. É como se eu estivesse em um hospital realizando autópsias em cadáveres. Nem o monstro de Mary Shelley era tão assustador como esse boneco ridículo. É impossível que esta coisa faça alguém se lembrar do Natal. Quem se sentiria feliz ao receber uma figura tão horrorosa como esta? O mais provável é que as crianças ao vê-lo comecem a chorar.

– Não agüento mais, isto é impossível. – resmungo.

Mais ninguém tem pena de mim. Nem sequer Felicity e Ann, minhas melhores amigas, ou melhor, dizendo... Minhas únicas amigas aqui. Nem sequer elas vêm me ajudar. Ann está concentrada em seu trabalho: construir uma réplica do Menino Jesus com açúcar úmido e pedaços de madeira. Ela está tão absorta que não enxerga nada além das suas mãos. Felicity, por sua vez, me olha languidamente, como se dissesse: “Sofre, sofre... eu também sofro”

Não, desta vez quem me responde é a asquerosa Cecily Temple. A querida, queridíssima Cecily, melhor dizendo, como a chamo carinhosamente na privacidade de meus pensamentos: “Aquele que faz sofrer quando respira”.

– Não entendo o que a incomoda senhorita Doyle. Na verdade, é a coisa mais simples do mundo. Olhe para mim, eu já fiz quatro.

E mostra quatro bonecos perfeitos, prontos para passar pela inspeção. Escutam-se “aahs” e “oohhs” de admiração: os delicados braços esculpido, as pequeninas blusas de lã, sem dúvidas, tecidas pelas mãos ágeis e habilidosas de Cecily. E os doces sorrisos que simulam felicidade. Faltam apenas duas semanas para Natal e noto que meu humor piora há cada momento. Sou muito desajeitada e não consigo fazer isso. O patético boneco de alumínio que estou construindo parece implorar para ser destruído. Eu o agarro pelas mãos, e como se tomada por uma força incontrolável, o coloco sobre a mesa e monto com ele uma representação. O faço dançar, arrastando sua perna aleijada como se fosse Tiny Tim, o personagem do conto de Dickens.

– Que Deus abençoe a todos. – grito em tom de zombaria.

E, de repente, um silêncio horrível cai sobre a sala. Todos os olhares se afastam de mim. Inclusive Felicity, que não costumava ser muito recatada, parecia intimidada. Atrás de mim escuto o som familiar de uma garganta pigarreando em tom de desaprovação. A Sra. Nightwing, a fria e inquisidora diretora da Academia Spence, me olha de novo fixamente como se eu fosse uma leprosa. Maldição!

– Senhorita Doyle, você se acha muito engraçada? Como pode ter tão pouca consideração e zombar assim do sofrimento dos pobres coitados de Londres?

– Eu... Eu... Por quê...?

---

<sup>1</sup> [N/T: tamborileiro - é o termo genérico utilizado na língua portuguesa para denominar um tipo de instrumento musical da família dos aerofones (instrumentos de vento).]





Enfurecida, a Sra. Nightwing me olha por cima dos óculos. Tem o cabelo grisalho preso em um coque apertado. É uma tempestade que se aproxima.

– Talvez, senhorita Doyle, se passasse mais tempo a serviço dos pobres, como eu fiz na juventude durante a guerra, você adquirisse as doses necessárias e convenientes de compaixão.

– Sim... Sim, Sra. Nightwing. Não sei como pude ser tão cruel. – balbuciei.

Pelo canto do olho, vejo Felicity e Ann encolhidas sobre seus bonecos como se fossem fascinantes descobertas de uma escavação arqueológica. Fixo o olhar e vejo que seus ombros sacodem.

Movem-se convulsivamente e me dou conta de que estão rindo com prazer de minha terrível situação. Isso é amizade...

– Advirto que isso fará você perder dez pontos por bom comportamento. E antecipo que, como castigo, você fará uma obra de caridade durante o feriado.

– Sim, Sra. Nightwing.

– E, além disso, escreverá um relatório detalhado da obra, e quero que destaque de que maneira esta contribuiu para enriquecê-la espiritualmente.

– Sim, Sra. Nightwing.

– E faça o favor de trabalhar. Seu boneco requer muito trabalho.

– Sim, Sra. Nightwing.

– Tem alguma pergunta?

– Sim, Sra. Nightwing... Quero dizer não, Sra. Nightwing. Obrigada.

Uma obra de caridade? Durante o feriado? Agüentar meu irmão Thomas, isso é uma obra de caridade. Maldição! Voltei a fazer besteira!

– Sra. Nightwing? – O som da voz de Cecily é a última coisa que quero ouvir. A gota que falta para transbordar o copo. – Espero que este aqui os agrade. Eu sim quero ajudar os pobres.

Estou a ponto de perder a consciência depois de conter uma gargalhada. Mentirosa! Cecily não quer fazer nada pelos pobres. Sempre aproveita qualquer oportunidade para rir da bolsa de estudos concedida a Ann. A única coisa que importa para ela é ser a favorita da Sra. Nightwing. Esta examina os bonecos perfeitos de Cecily.

– São perfeitos, senhorita Temple. Meus parabéns.

Cecily sorri. É uma convencida.

– Obrigada, Sra. Nightwing.

Ah, o Natal! Com um suspiro profundo, pego o horrível boneco e começo de novo. Sinto os olhos ardendo e não consigo ver bem. Eu os esfrego um pouco, mas eles não melhoram. Na verdade, preciso mesmo é dormir, mas só o fato de pensar nisso me dá medo. Durante semanas, fui atormentada por terríveis pesadelos, como se fossem advertências ou premonições de algo que vai acontecer. Quando acordo, não consigo lembrar de quase nada. Só um pouco aqui e ali. Um céu manchado de vermelho e cinza. Uma flor pintada que derrama lágrimas de sangue. Uma floresta com uma luz estranha... As imagens vêm e vão. As únicas que ficam na minha cabeça são as dela, tão linda e tão triste.

– Porque você me abandonou aqui? – grita, e eu não consigo responder. – Quero voltar. Quero que nós fiquemos juntas outra vez.

Tento fugir, mas seu grito me encontra.

– Você é a culpada, Gemma! Você me abandonou aqui! Abandonou-me!

E isso é tudo que consigo lembrar quando acordo todos os dias antes do amanhecer, suada, ofegante e mais cansada do que ao me deitar. São apenas sonhos. Mais porque sempre se repetem? Porque fazem eu me sentir assim?

– Por que não me avisaram? – pergunto a Felicity e a Ann, quando ficamos nós três sozinhas.

– Se você tivesse tomado mais cuidado... – repreende-me Ann, enquanto tira um lenço cinza de dentro da manga.

Ela assoa o nariz constantemente. Tem coriza e seus olhos lacrimejam.

– Eu não teria dito nada se soubesse que ela estava bem atrás de mim.



– A Sra. Nightwing é como um deus. Você sabe. Está sempre em todos os lugares. Talvez ela seja o próprio Deus. – suspira Felicity.

O reflexo do fogo em seu cabelo o faz parecer dourado. Brilha como o cabelo de um anjo caído.

Ann olha ao redor, nervosa.

– V-você n-n-não deve falar de... – e baixa o tom de voz. – ... Deus dessa maneira.

– Porque não? – pergunta Felicity.

– Pode trazer má sorte.

Ficamos em silêncio. Conhecemos muito bem o que era ter má sorte.

Estamos familiarizadas com a má sorte e é difícil para nós não acreditarmos em forças externas capazes de influir em nossas vidas, forças invisíveis que não podemos entender.

Felicity olha fixamente para o fogo.

– Como pode acreditar que exista um deus, Ann? Com tudo o que temos visto.

Uma das criadas silenciosas volta pelo corredor. Há pouca luz, e o branco do seu avental contrasta sobre o cinza de seu uniforme. Na escuridão parece que só o avental se move. Finalmente a mulher desaparece completamente nas sombras. Eu a sigo com os olhos até perdê-la em um canto, e me vêm na cabeça à sala alegre de antes, com um enxame de meninas de seis a dezessete anos que ensaiavam canções de Natal.

Eu queria que já fosse Natal, acender as velas da árvore, acender os fogos de artifícios e ouvir músicas que me agradam. Queria não me preocupar com nada, estar tranquila e só pensar se Papai Noel será bonzinho comigo ou se vai me deixar carvão na meia.

As três meninas se balançam de um lado para o outro e brincam. Têm os braços unidos por algemas de papel recortadas por elas mesmas; uma delas deixa cair seu cabelo suave e cacheado sobre o ombro da amiga, que lhe responde com um beijo na testa. Naquele momento, nenhuma delas cogita pensar que este mundo não é o único. Que além dos muros da Academia Spence, além da barreira insondável da Sra. Nightwing, Mademoiselle Le Farge e dos outros professores que moldam e educam nossos hábitos e nosso caráter como se fossem de argila, além da própria Inglaterra, há um lugar belo e poderoso. Um lugar onde o que você sonha pode ser seu, e onde você deve ter cuidado com os sonhos. Um lugar onde as coisas podem te ferir. Um lugar onde uma de nós está.

Eu sou a ligação entre esse lugar e este mundo.

– Venham, vamos pegar os casacos. – disse Ann, indo na direção das enormes escadas que desciam até a entrada. Felicity olha para ela com curiosidade.

– Por quê? Aonde vamos?

– É quarta-feira. – disse Ann, saindo do centro. – Vamos visitar a Pippa.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

